

Abissal: Anatomia da Memória¹

Carlos Arthur Leite Sousa²
Edvaldo Siqueira Albuquerque³
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir os aspectos que envolvem a produção de “ABISSAL”, curta-metragem de caráter universal, mas que aborda conteúdos que aparentemente estão em um plano pessoal. O filme incorpora a tentativa falha de ter sido um documentário de busca sobre meu avô Durval, que nunca conheci, para se transformar numa experiência cinematográfica que visa a compreensão da minha avó, Rosa. Essa mulher que sempre esteve próxima a mim, mas que, apenas durante a execução desse projeto percebi que ela é a verdadeira desconhecida dessa história. Uma experiência me rende um lugar de subjetividade e aproximação como espaço privilegiado de escuta e fala ao mesmo tempo.

PALAVRAS-CHAVE: afeto; subjetividade; cinema; documentário; família.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato da experiência que acompanhou a realização do filme documentário Abissal, que nasceu de minhas impressões sobre vivências, que são a mim, bastantes próximas. Familiares até.

Serviu-me de experiência espaços de aproximação que se localizam em áreas de extrema pessoalidade e intimidade, de tal forma que posso dizer que cabem no limite do meu corpo, na minha pele, na minha mente. Um espaço em que a subjetividade do sujeito pesquisador está em primeiro plano.

A finalidade foi produzir um filme de caráter universal, mas que abordou conteúdos que aparentemente estão em um plano pessoal. Daí a abertura para aspectos de subjetividade que estão umbilicalmente envolvidos. Esta produção foi sendo planejada há pelo menos dois anos, quando começaram as primeiras pesquisas que serviram de base para estas, hoje, reflexões sobre tais temáticas.

O tema ao qual me filio e que me serviu de motivação para este trabalho refere-se a uma ordem íntima, centrípeta e centrífuga, ao mesmo tempo: um mergulho nas memórias de uma mulher corroída pelo ressentimento e a solidão intrinsecamente ligada à minha

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Documentário.

² Aluno líder e recém-graduado do Curso Audiovisual e Novas Mídias, email: arthurleite13@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Audiovisual e Novas Mídias, email: valdosiqueira@gmail.com

tentativa de compreensão do desconhecido. Inspiro-me em filmes como “Santiago”, de João Moreira Salles, que ressalta uma tendência do documentário nacional recente em que o afeto aparece não apenas como tema, mas como componente narrativo essencial e de certa maneira universal.

Andrea Célia Molfetta de Rolón destaca em ensaio que o espaço intersubjetivo pode ser descrito em dois tipos de dinâmicas no trabalho audiovisual: de um lado, centrípetas, do outro, centrífugas. “A forma centrípeta organiza o filme como um todo aglutinante e aglutinado, centralizado, na primeira pessoa. A centrífuga preocupa-se em mostrar o caráter fragmentário, múltiplo e simultâneo da experiência” (ROLÓN, 2008, p. 315).

A experiência familiar, que toca toda a decorrência desta produção, e que me oriento para compor o *corpus* do documentário se oferece através de minhas vivências pessoais com Rosa, minha avó materna. Nascida numa família humilde, do interior do Ceará, ainda muito jovem conheceu e se apaixonou por Durval, um homem mais velho, vindo de outro Estado. Juntos eles fugiram e construíram uma vida confortável em Belém do Pará, até que Rosa, após anos, decidiu largar tudo e voltar para o Ceará, apenas, com sua filha – que é a minha mãe, Alba.

Desde longas como “Santo forte” (1999) e “Babilônia 2000” (2000), quando Eduardo Coutinho consolida o formato em que os entrevistados conduzem os filmes a partir de relatos pessoais, até os mais recentes “Elena” (2012), de Petra Costa, e “Doméstica” (2012), de Marcelo Pedroso, percebem-se traços convergentes quanto a um documentário da experiência pessoal e da primeira pessoa, ou seja, da ordem centrípeta, já que são as falas de minha avó e as minhas que conduzem a narrativa do filme.

De alguma maneira posso pensar que este filme é sobre eu mesmo, minha história, de meus familiares, de um ciclo de vivências em que compus minha trajetória, esta última que deságua na figura de narrador para o cinema. Se, como diz Rolón, o filme se apresenta para que alguém o assista como uma “detenção ideal do tempo de alguém”, o autor pode até se confundir com a personagem, na medida em que ocorre uma relação centrípeta entre os dois, o que cria uma relação que Michel Foucault chama de “cuidado do outro” (2008, p.315).

Penso na subjetivação como pensa Félix Guattari em “Micropolítica – Cartografias do desejo”⁴: nos sistemas tradicionais, a subjetividade tem a escala da etnia, da família ou de uma casta; diferente dos sistemas capitalistas, em que a produção de subjetividade

⁴ GUATARRI, Félix. *Micropolíticas: Cartografias do Desejo*. 7. ed. Rev. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 2005.

responde a interesses de quem os fabrica. Nesse ponto, tendo em vista que minha pesquisa se desenvolve em terreno particular em que não me cabe quaisquer respostas externas às minhas próprias questões, me sinto à vontade para desenvolver a pesquisa à qual me empenho neste trabalho.

3 OBJETIVOS

Geral

- Realizar um filme de curta-metragem, de cunho documental, abordando, através de uma narrativa poética e estética contemporânea, ao tema escolhido, com 17 minutos de duração, finalizado em DCP (*Digital Package Cinema*). E proporcionar uma experiência sensorial capaz de ser assimilada por qualquer espectador, ainda que este não guarde nenhuma relação direta com a temática.

Específicos

- Documentar através de uma abordagem temática familiar, a trajetória de minha avó materna, Rosa;
- Realizar uma experiência audiovisual em que a personagem abordada desvele histórias e memórias sobre passagens obscuras de sua vida;
- Compreender a trama dramática que foi tecida por minha avó no decorrer de uma longa fase de sua vida;
- Buscar estabelecer debates e compartilhamentos através dos visionamentos com diferentes públicos: realizadores, produtores, críticos, cinéfilos etc.

3 JUSTIFICATIVA

Como meu trabalho se adequa de algum modo àquele em que se discute a participação ativa do pesquisador (por isso chamado de Pesquisa Participante), considero conveniente que ao longo desta escrita exponha comentários sobre os meios que levam aos fins.

Sempre me atendo às teorias explano, também, de maneira pessoal e intransferível sobre minha subjetividade em contato com o objeto pesquisado.

Não é à toa que este fato se dá. Eu sei e tenho conhecimento que, em contato com meu orientador, se explicitou a necessidade que esta pesquisa precisa ter sua metodologia definida. Normalmente, a metodologia exclui a participação íntima do sujeito pesquisador.

Mas, este não é o meu caso. Diferente da maioria dos trabalhos, o meu tem a necessidade de circundar a importância do pesquisador na pesquisa, por isso, ao expor meus motivos, o faço em tom pessoal. Mediante o desenvolvimento da pesquisa pude compreender o quanto minha participação declarada foi imprescindível para que o objeto fosse desvelado: minha avó.

Como se refere Felix Guattari em 'Cartografias do desejo', "não é utópico considerar que uma revolução, uma mudança social em um nível macropolítico e macrosocial, concerne também à produção de subjetividade, o que deve ser levado em conta pelos movimentos de emancipação" (GUATTARI, 2013, p.34). No meu caso, a subjetividade é parte maior do todo que compõe este trabalho. Sem ela não haveria produto algum.

Eu nunca conheci meu avô. Ele se chama ou chamava-se Durval. Não sei se ele está vivo ou não. Ninguém sabe. Acredito que deste fato me surgiu essa necessidade de imaginar as coisas. Até hoje, me questiono se eu sou esse Arthur mesmo, que todos conhecem. Ou, se de alguma forma eu não sou outro Arthur, que vive na região amazônica, entre Belém, Manaus e a floresta, como esse desconhecido, que seu sangue corre em minhas veias. Minha mãe viveu com seu pai até seus, quase, oito anos de idade, quando minha avó, Rosa, descobriu que o marido perfeito dela não era tão perfeito assim. Ele tinha outra mulher.

Minha avó não resistiu. Por um misto de ódio, rancor e orgulho ela juntou alguns pertences e roupas suas e da mamãe numa mala e partiram num avião de volta ao Ceará, enquanto meu avô estava fora, a trabalho. Nunca mais minha avó ou minha mãe tiveram notícias do meu avô, a não ser por um cheque, que chegava todos os meses no endereço dos meus bisavôs, em Quixeré interior do Ceará, para onde retornaram. Os cheques pararam de vir quando a mamãe completou 17 anos e nunca soubemos o porquê.

Esse deveria ser um filme sobre o meu avô, Durval. Uma busca por esse homem. Mas à medida que fui me aprofundando nas pesquisas, quase que inteiramente com minha avó, já que minha mãe recorda pouca coisa, percebi que meu avô era o coadjuvante.

Minha avó, aquela mulher sempre próxima a mim, que eu jurava conhecê-la como ninguém, me revelou outra personalidade, outro lado da história que eu cresci ouvindo.

Num rompante de sua consciência, tão machucada pelos anos, ela decidiu contar tudo como realmente aconteceu.

Esse documentário rompe sua premissa de ser um filme de aproximação do meu avô Durval para tornar-se uma tentativa de compreender essa mulher, que passou ao despertencimento. Rosa já não é a mesma. Durante quase quarenta anos escondeu a verdade de toda a família. E foi a mim, que ela decidiu revelá-la, diante de uma câmera ligada. É impossível me dissociar como personagem dessa obra, já que eu próprio estou em transformação durante a realização do filme.

O ato de filmar é entregar-se.

Esse é o modo escolhido de lidar com a transformação, involuntária, de minhas memórias e do meu projeto. Ritmo e sentido, munidos de pessoalidade palpável e transbordante, permitem minha forma de estar no mundo interagindo, de forma sensível, às mudanças que fui lançado.

A produção de sentido para Gilles Deleuze, a partir da compreensão de seus estudos publicados, é um acontecimento único que nasce e cresce dentro de cada indivíduo, seja realizador ou espectador. Contar uma história, seja ela ficcional ou documental, é costurar uma trama com a mais pura intimidade que o autor possa alcançar. Essa particularidade possibilita cada sujeito encontrar em momentos diferentes da narrativa sua apoteose.

De um filme de busca, tudo isso se transformou numa experiência, quase etérea, de tentativa de compreensão da minha avó, de como poderia ter sido nossa vida em outro Estado, outra região, outra família. Os lugares que moraríamos, as pessoas que conheceríamos, os locais de trabalho, a cultura desses povos, tudo isso.

Mas é isso que o filme é agora! Por tanto tempo buscando descobrir esse homem, Durval, apenas agora me volto à atenção para a principal desconhecida dessa história. Daquela mulher elegante, que viajou todo o Brasil, hoje, Rosa não liga mais para vaidade. Há vinte anos ela se tornou evangélica. E, há vinte anos ela não pinta o cabelo, ou usa qualquer tipo de maquiagem, ou veste qualquer coisa que não seja uma camisa de botão de mangas compridas e uma saia abaixo do joelho. Desfez-se de quase todas as suas coisas. Ela não vê TV ou cinema há duas décadas, Cinema era seu *hobby* favorito.

Essa é a Rosa de hoje. A que decidiu me contar tudo, quase tudo, de fato. Pois sinto que diante de tanta informação desvelada há umas pausas em que dar para perceber um breve momento de reflexão dela, claramente decidindo omitir algum fato. Mas eu tive sorte.

A vovó sempre teve um laço especial comigo, eu sabia que era diferente. Até hoje é assim. Ela nunca se abriu com outras pessoas da forma como se abriu para mim.

Esse filme pretende fazer emergir, de uma profundidade abissal, a natureza incompreensivelmente humana de uma mulher perdida entre um passado e um presente, tão distantes, mas ao mesmo tempo tão intrínsecos, que apenas a experiência cinematográfica é capaz de tornar isso possível.

A obra filmica, por mais íntima e familiar que possa ser ao seu autor, sempre estará aberta as interpretações, compreensões e ressignificações de agentes terceiros. Dessa forma, realizar uma obra em que o meu íntimo seja desnudado em tela não se torna algo obsoleto. Pelo contrário. A subjetividade exerce um poder ímpar na significação de uma obra.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A metodologia deste trabalho apresentado para o Trabalho de Conclusão de Curso, tem as seguintes etapas:

Inicialmente, a escolha do meu objeto de estudo, minha avó, Rosa; Em seguida a pesquisa através de diálogos, com Rosa e também com sua filha, Alba, minha mãe. Além da oralidade, serve-me de fonte de pesquisa objetos familiares e outros pertences capazes de armazenar memórias, como as fotografias, cartas, bilhetes e tantos outros documentos que dão conta de diversas passagens do convívio com Durval, meu avô desconhecido; Por fim, a entrevista gravada com minha avó, quando finalmente, após diversas tentativas ela cedeu concordando, o que possibilitou a realização do filme documental.

Diferente do método "que entre quem pesquisa e quem é pesquisado não exista uma proximidade policiada entre o método (o sujeito dissolvido em ciência) e o objeto (o outro sujeito dissolvido em dado)" (BRANDÃO, 1999, p.7), minha pesquisa não nega a participação ativa do pesquisador em um horizonte próximo ao objeto da pesquisa. Isto pode ser reparado no tom familiar que é dado a estes escritos sobre minha avó.

Sendo assim, a metodologia que eu, Arthur, sujeito pesquisador utilizo em meu relato de experiência e no meu documentário é claramente identificado como uma Experiência Próxima, através do olhar participante. Esse tipo de documentário, que possui vínculo com a Experiência Próxima é constituído através da relação de afetividade e subjetividade com o objeto de estudo.

Esse método, Aproximação, ao qual me filio é uma linha tênue entre uma mulher que é meu objeto de pesquisa, mas ao mesmo tempo, uma mulher que é minha avó. Apesar

de perigoso reafirmo esse método como a única escolha possível, por mim, sujeito pesquisador à medida que meu contato com Rosa, transcende a barreira do estudo psicológico. Por conta do convívio de quase vinte e quatro anos, aos quais, quase vinte anos são de memórias passa a ser uma análise delicada e poética, mas concreta e verdadeira, da transformação pessoal psicológica e até física de minha avó.

Dessa maneira, nada mais oportuno que eu, realizador-autor, neto da Rosa sujeito objeto deste estudo, conduza essa pesquisa de experiência próxima.

O cinema brasileiro, seja ele de ficção ou documentário, carrega consigo uma tradição de direcionar seu olhar mais para o outro e, apenas nas últimas décadas foi ajustando o foco na intimidade. A escolha desse formato de pesquisa não é uma completa oposição à experiência distante, mas com uma questão de grau. Visto que, neste trabalho, essa experiência participativa se dá de maneira única através da relação avó-neto, mas sem deixar que certas influências – que possam surgir ao longo do processo – conduzam esse estudo a uma realidade fantasiosa.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

À medida que mergulha nas memórias e confissões de uma mulher, Rosa, o filme aqui tratado assume uma visão completamente subjetiva da realidade e, sobretudo, do processo de individuação⁵ da personagem - atormentado por traumas e lembranças de episódios vividos, herdados ou criados. Nesse sentido, a realização desse documentário – Abissal, aprofunda-se na questão do tempo e da memória e sua influência na formação da consciência do homem e na própria construção de um cinema voltado para uma temporalidade diversa da vivenciada no nosso cotidiano frenético.

Foi diante de uma pesquisa mais profunda e formal sobre meu avô Durval, iniciada quase dois anos atrás, que percebi as incongruências nos relatos de minha avó, Rosa. Isso serviria para dar conta de um projeto televisivo ficcional sobre o reencontro de duas pessoas – como meus avós, há muito distantes, que fez parte do Laboratório de Criação para TV do Porto Iracema das Artes e tutelado pelos cineastas Karim Ainouz, Marcelo Gomes e Sérgio Machado.

A inconstância no discurso de minha avó e a pressão que fiz na busca por respostas mais claras fizeram com que ela se silenciasse por algum tempo. Por conta de sua idade já

⁵ Processo pelo qual uma parte do todo se torna progressivamente mais distinta e independente; diferenciação do todo em partes cada vez mais independentes. Aspecto único e singular de; singularidade.

avançada, e de diversas doenças entre elas a depressão, preferi ceder. Por várias semanas não toquei mais no assunto. Até que por vontade própria, ela falou. Chamou-me para conversar e, ainda, entregou-me uma caixa com centenas de papéis, cartas, documentos, contas, passagens aéreas e de barco, até cheques e extratos bancários, que dão conta de toda uma memória que nunca me chegou. Ela sempre disse que não tinha endereços dos lugares em que viveu, não recordava direito os locais. Mas estava tudo ali, numa caixa, guardada há quarenta anos.

Minha avó, Rosa, essa que morou perto de mim a vida inteira; aos poucos, fui descobrindo, de verdade, quem ela era, o que ela fez, e de alguma forma essa pesquisa já obteve sucesso. Isso, de maneira bem estranha, aproximou minha avó e eu ainda mais. Ela passou a confiar cada vez mais em mim – contando as coisas que tentou esconder durante décadas. Já eu, instintivamente, passei a diminuir a confiança que sempre depus nela, agora mais que nunca, questionando mais, investigando mais, para descobrir tanta coisa que ainda permanece encoberta, omitida e claramente manipulada da história que, por mais eu não fosse nascido, é minha, também.

Abruptamente recebi um telefonema de minha avó. Secamente ela me perguntou se ainda tinha interesse em conversar com ela, gravando. Instantaneamente respondi que sim. Com a voz firme ela me disse que reunisse a equipe e fosse o quanto antes conversar com ela, para não passar a vontade de falar.

Com a equipe formada partimos de Fortaleza para Quixeré, cidade em que nasci e que vive minha avó. Alguma coisa havia acontecido com ela. Minha avó sempre foi amarga e solitária, na maioria das vezes por vontade própria, pois não permitia aproximação de ninguém. Mas ao chegar à sua casa, com toda minha equipe, composta por amigos e colegas, ela estava diferente. À vontade, e claramente determinada a cumprir com o que me falou na breve ligação telefônica.

Rapidamente montamos todos os equipamentos e a equipe ficou a postos. Começamos a gravar. Naturalmente, foi como minha avó reagiu a todo aquele aparato técnico, além de ficar completamente confortável com duas câmeras sendo apontadas em sua direção, um boom sobre sua cabeça, um microfone de lapela por baixo de sua camisa e inúmeras pessoas desconhecidas encarando somente a ela.

Parecia que ela já tinha feito isso antes. Minha avó sabia a funcionalidade de cada equipamento e, claro, de maneira intuitiva como eles funcionavam. A *mise-en-scène* do set de filmagem foi rapidamente adquirida, também. Ela sabia os tempos, os movimentos

certos. Apenas suas palavras chegavam-nos, às vezes, um pouco incompreensíveis. Acredito que o desejo de falar tanta coisa que permaneceu sem ser mencionado por quarenta anos possa ter causado isso.

Definitivamente existem duas Rosas. A que eu convivi durante, quase, vinte e quatro anos e a que se revelou à minha equipe e a mim em setenta e duas horas.

O processo de montagem do curta-metragem *Abissal* foi bastante árduo. Eu mesmo fui o montador, já que as horas de imagens e sons captadas são a mim mais sensíveis e intrínsecas, como a nenhum outro. A montagem documental é sempre assim, mais difícil. Afinal, é realidade pura o que você precisa cortar juntar e transformar num filme. É um processo bem diferente de editar uma ficção, que você já sabe e tem o controle de tudo que foi gravado, bastando colar as sequências nos lugares certos.

No final desse processo, após semanas de decupagem e ilha de edição, correu tudo bem. Com o filme montado, partimos para a mixagem de som, correção de cor e a finalização do produto, que são momentos mais técnicos, mas que nos ajudam a alcançar toda a magia que é o fazer cinema e, principalmente, a magia de ver filmes.

3 CONSIDERAÇÕES

O curta-metragem *Abissal* foi realizado como trabalho de conclusão de curso para obtenção do grau de bacharel em Audiovisual e Novas Mídias. No documentário, eu, Arthur, tento reconstituir a memória de minha avó, Rosa. O filme é construído a partir de fragmentos poéticos, trechos de cartas e fotos, filmes antigos, objetos que pertenceram ao meu avô e entrevistas com minha própria avó e minha mãe. O filme começou a tomar corpo na medida em que fui compreendendo os temas por trás dos acontecimentos, como as relações de afeto entre Rosa e Durval, as relações pai e filho, as angústias, medos e traumas, principalmente o da traição.

Esses são temas que dão conta da singularidade da vida dessa Rosa e de sua família, mas que ao mesmo tempo fazem parte de algo muito maior, que é a singularidade plural das vidas de tantas Rosas, de tantos Arthurs que não conhecem seus avôs, de tantos traumas ocasionados pela traição. *Abissal* é um filme singular, de uma família singular com uma história mais singular ainda. Mas sentimentos não são singulares, mas sim plural. E é o sentimento que torna o filme universal e sua compreensão.

O cinema ficcional, de um modo geral, ainda toma partido do que está distante do diretor, o que é brutal e palpável. Portanto o avesso do afeto. O documentário expande essas barreiras e se lança na contramão disso, humanizando o cinema brasileiro. A parte da poesia e da força desses filmes é o que os tornam filmes necessários. Necessários porque precisam ser feitos para resolver questões que são determinantes para a vida, e podem ser realizados apenas pelas pessoas que os fizeram: nós que, também, fazemos parte da trama.

Posso pensar que esta experiência me rende um lugar de subjetividade, de aproximação como espaço privilegiado de escuta e fala ao mesmo tempo. Na medida em que, como autor do filme, me dedico à experiência da escuta aumentada dos relatos de vida de alguém, que tem laços consanguíneos e carnis à minha própria existência, provoco além disso uma pessoa que é “personagem” deste filme documentário, que em seu cerne carrega o gene da ficção. Nesse sentido me cabe pensar de forma bastante atenta sobre esta imbricação entre autor/personagem, a fim de cumprir o papel de “centralizador da construção de sua experiência e de seu sintagma” (ROLÓN, 2008, p. 313).

Por último, preciso esclarecer que o afeto é não apenas aquilo que transborda o discurso, mas ele é, também, à medida que articulamos os códigos que nos ajudam a expressá-lo e torná-lo legível: o filme.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "A participação da pesquisa no trabalho popular". In: **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção primeiros passos: 203)

DELEUZE, Gilles. **A Imagem-Tempo**. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 2007.

GUATARRI, Félix. **Micropolíticas: Cartografias do Desejo**. 7. ed. Rev. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 2005.

GEERTZ, Clifford. **O saber Local**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2008.

TANIS, Bernardo; KHOURI, Magda Guimarães (Org.) **A Psicanálise Nas Tramas da Cidade**. São Paulo, SP: Ed. Casa do Psicólogo, 2009.